

Quem conta um conto... desfaz um ponto*

Rosa Maria Santos Mundim**

RESUMO

No conto "A filha do mercador", de Maria Isabel Barreno, existem todas as situações que encontramos nos contos de fadas comuns: um homem rico que desaparece no mar, numa viagem de negócios, uma bela jovem que fica em casa com sua mãe, à espera da volta do pai e um atraente pirata que salva o pai e espera uma recompensa. Entretanto, apesar de todas essas coincidências, tudo acontece de maneira diferente, mostrando que mesmo os contos de fada podem ser mudados.

Tecer uma fábula, costurar uma trama: as metáforas ilustram a relação, enquanto a estrutura dos contos de fadas, com suas repetições, reprises, elaborações e minúcias, refletem a textura de uma das principais ocupações femininas – a fabricação de tecidos a partir da lã ou do linho até o rolo de fazenda pronto. (Marina Werner)

Na *História da Literatura Portuguesa*, há referências a escritores que se destacaram, especialmente a partir dos anos 70, "a título de inovação estrutural da narrativa" e entre eles se encontra o nome de Maria Isabel Barreno, que passou a ser conhecida no Brasil a partir da publicação das polêmicas *Novas cartas portuguesas* (1974), de que foi co-autora. Sobre essa escritora afirma-se que "Desde *Inventário de Ana* (1982) e *Célia e Celina* (1985),

* Trabalho final do curso "Riso e morte na literatura portuguesa" ministrado no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas pela Profa. Dra. Lélia Parreira Duarte no segundo semestre de 2002.

** Professora do Curso de Letras do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste MG.

até **Os sentidos incomuns** (1993), as suas preocupações de afirmação feminina balanceiam entre a narrativa, a inquirição dialógica e metafísica, e a expressão lírica ou fantástica” (SARAIVA & LOPES, 1996, p. 1.103).

O livro de contos **O círculo virtuoso** (1996) não foge a essa linha de lirismo e indagação sobre a condição humana, especialmente a feminina. Um questionamento que se faz presente de maneira constante na construção dos personagens e das situações, na ironia às vezes clara, às vezes velada, com que o narrador vai pontilhando a história. São esses os ingredientes que fazem do conto “A filha do mercador” uma leitura instigante, que se revela cheia de surpresas, esconde armadilhas e mostra-se capaz de levar o leitor a muitas perguntas, talvez até mesmo a uma revisão de conceitos sobre os papéis masculino – feminino diante do amor e da vida.

À primeira vista, tem-se a impressão de que o conto “A filha do mercador” nos levará ao mundo de fantasia dos contos de fadas, um mundo na maioria das vezes considerado como um universo que se revela especialmente atraente para as mulheres. Em seu livro **Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores**, Marina Warner (1999) revela sobre a sua própria experiência com esse tipo de leitura:

Os contos de fadas proporcionavam satisfações que, desde a idade de onze anos, já eram considerados femininos: sonhos românticos e também a doçura da vingança rápida e capital. Eles faziam parte do mesmo mundo privado, o de se tornar mulher, de que também fazia parte a gaveta de preciosidades, onde eu guardava fotos queridas, lembranças e o diário que vinha com uma chave. (p. 15)

Após fazer um detalhado estudo da genealogia e do contexto histórico dos contos de fadas, a pesquisadora revela que aspectos fundamentais dessa literatura foram negligenciados pela tradição crítica, em especial o papel da figura feminina, seja ele representado por uma personagem ou pela voz de uma narradora. E afirma que:

Os contos de fadas sugerem uma situação em que o próprio menosprezo pelas mulheres abriu, para elas, a possibilidade de exercitar a imaginação e comunicar suas idéias. A responsabilidade das mulheres pelas crianças, o desprezo vigente por ambos os grupos e a suposta identificação daquelas com as pessoas

simples, a gente comum, entregaram-lhes os contos de fadas como um tipo diferente de estufa, onde podiam semear seus próprios brotos e plantar suas próprias flores. (p. 22)

Talvez essa possibilidade dada às mulheres de se manifestar nos contos de fadas, seja como narradora, seja como personagem – antes de modo velado, hoje de uma forma mais direta e contundente – tenha sido o que levou a escritora Maria Isabel Barreno a uma releitura dessas histórias, como a que é feita no conto “A filha do mercador”.

TEMPOS ANTIGOS, NOVOS OLHARES

Mas tudo isso não faz parte desta narração. Interessava-nos só a vez em que já ele era rico e mercador. (Observação do narrador, p. 45)

Desde os tempos de Eva e da história da serpente no paraíso, julga-se que a mulher se perdeu e fez também o homem se perder pelo seu muito falar. As fábulas moralistas do século XVI pintavam a mulher sábia com um cadeado nos lábios, realçando as virtudes do silêncio feminino. Por isso, é interessante notar que o narrador do conto, mesmo antes de iniciar com o conhecido “Era uma vez...”, coloca na introdução sobre a época alguns comentários que são exemplo da depreciada arte feminina de dar opiniões e “tagarelar”.

Essas interferências, que se repetem durante toda a história, além de acrescentar um toque de oralidade, reforçam a autoridade do narrador sobre aquilo que conta. Dão, ainda, o que é mais importante, o tom de divertido humor que se mantém durante toda a narrativa, pela vivacidade e graça dos comentários, ainda que algumas observações sejam mordazes: “Foi em tempos antigos ou terras distantes, tanto faz. O que interessa é a lonjura, e os costumes diferentes” (BARRENO, 1986, p. 45).¹

Os comentários do narrador fazem também com que o leitor seja levado a observar com espírito crítico aqueles tempos geralmente vistos como

¹ Todas as citações serão doravante indicadas apenas pelo número das páginas.

modelos de perfeição de vida e de usos a serem imitados, a perceber as estranhezas, a “ler” com olhos bem abertos o que se esconde por trás das aparências, como na informação: “O mercador gostava muito da filha mas, como era costume naqueles tempos, achava que por si só a filha não era suficiente e que teria de lhe arranjar um marido” (p. 46).

Como acontece em muitas histórias de fadas, o mercador parte para uma viagem. Esse fato – que normalmente seria uma tragédia para mãe e filha que ficaram sozinhas e, portanto, segundo o senso comum, “desamparadas”, desencadeia a mudança que vai deslocar o foco de importância dos papéis: com a ausência masculina, chega “a vez das mulheres”, a heroína terá também a oportunidade, antes proporcionada apenas aos homens, de fazer uma espécie de “viagem simbólica”, enfrentar perigos e vencer provas.

A mulher do mercador, que só sabe chorar e se lamentar na falta de uma presença masculina, cede logo lugar à filha, que, “interrompendo a mãe” (a autoridade, no caso, porque substitui a figura a paterna), é capaz de mostrar espírito prático quando sugere a venda das riquezas supérfluas acumuladas pelo pai e, desse modo, assegurar a sobrevivência até que ele regresse. Mas, um dia, o dinheiro arrecadado com as vendas se acaba e a jovem tem de tomar uma decisão.

MORTE E VIDA: MISTÉRIOS

Agora sentia-se livre e sem medo, andando por entre as multidões, e essa liberdade tornava muito vivas todas as sensações: os cheiros intensos do mercado, o calor e o frio, o roçar dos corpos nas ruas apinhadas, os sons das palavras. (Sensações da filha, descritas pelo narrador, p. 48)

Nos contos de fadas tradicionais, quando há situações de perigo e desgraça, as personagens recebem a ajuda de fadas, duendes, animais misteriosos, amuletos e até de elementos da natureza. No seu papel de mulher sem a proteção de um pai ou marido, a filha do mercador não vai contar com nenhum auxílio maravilhoso ou extraordinário, mas tem de se valer apenas de sua inte-

ligência e astúcia, numa época em que se considera que a mulher não possui esses atributos. A jovem, que “nunca conhecera sua coragem, porque nunca tivera onde a empregar” (p. 47), é forçada então a passar por um processo de transformação: eliminar a mulher desamparada e frágil, para fazer surgir outra forte e determinada, que assuma a direção de sua vida.

Naqueles tempos antigos, porém, não se admite a figura da mulher capaz e forte. A filha do mercador apela, então, para uma estratégia muito usada em histórias e textos de outrora: o disfarce, a metamorfose. William Shakespeare, por exemplo, em algumas de suas peças, cria com esse recurso várias situações de desencontros e comicidade. Nas peças do dramaturgo inglês, no entanto, esse disfarce só dura o tempo necessário para que as intrigas se encaminhem para um final feliz. Os personagens não se sentem confortáveis com a troca de papéis e a volta à condição anterior é sempre vista com alívio e grande alegria.

No conto escrito por Maria Isabel Barreno, entretanto, a suposta morte do pai obriga a heroína a morrer também como a frágil donzela para assumir a vida de um jovem negociante (mesmo assim no papel de um marido imaginário). Com talento e determinação, a jovem mercadora prospera nos negócios, sente-se livre e sem medo, experimenta pela primeira vez a sensação de estar viva com toda a intensidade, tem a impressão mesmo de já ter passado por muitas daquelas situações: “... perguntava a si própria se despertara dum longo sono, ou se recordava um sonho, se revivia imaginações que tivera, ou uma outra história. Uma outra vez, em que fora” (p. 48).

A volta inesperada do mercador, depois de desaparecido por vários anos, faz a esposa retomar, diante dele, a sua antiga postura de fragilidade e obediência. A filha, porém, já não é a mesma, e apesar de apresentar-se a ele “vestida como donzela dócil e recatada”, enfrenta o medo e contraria as sugestões da mãe: conta ao pai toda a verdade do que se passara na sua ausência.

O mercador aceita a atitude tomada pela filha como um mal necessário e, para que tudo volte o mais rápido possível à “normalidade”, conta também suas aventuras, para revelar que a jovem fora objeto de uma troca que lhe salvara a vida e já tem seu destino determinado por ele: havia sido prometida como esposa a um jovem pirata. Relata ainda à mulher e à noiva prometida a história do pirata, que ficara conhecendo nessas aventuras.

Assim, nesse entrelaçar de histórias, percebe-se que há um ponto comum nos relatos dos três personagens: todos enfrentaram perigos e infortúnios, todos venceram graças à inteligência e coragem. Pode-se, porém, observar uma diferença significativa: os dois homens fugitivos, a exemplo do que acontece nos contos de fadas tradicionais, são ajudados na sua fuga por uma tempestade esmagadora, por um bando de golfinhos e por um grupo de pescadores. A jovem, pelo contrário, heroína de uma reescritura dessas histórias, é capaz de salvar-se sozinha, somente pelos méritos de sua coragem, astúcia e inteligência.

Mesmo conhecendo as virtudes do futuro marido, a jovem, que muda durante a ausência do pai por ter já conhecido o “sabor de outras possibilidades”, tem a audácia de protestar contra a decisão tomada por ele: “Não, meu pai, não poderei voltar a viver como minha mãe, reclusa no fundo duma casa, desconhecida de todos, só existente aos olhos do meu marido”(p. 61). Como bom pai tradicional, porém, o mercador não aceita as ponderações da jovem e ela vê-se obrigada a conhecer o futuro marido.

Sozinha com o noivo, a filha do mercador revela e ele suas aventuras, as sensações agradáveis que tivera quando se passava por homem. E quando lhe propõe como exigência para o casamento continuar sua vida de “mulher dentro de casa e homem na rua, ouve dele a proposta surpreendente: “Levaremos vidas iguais. Alternadamente um de nós ficará em casa vestido de mulher, alternadamente um de nós sairá vestido de homem. Revezar-nos-emos” (p. 64). Assim, aceita as condições de ambos, o casamento se realiza.

MUDANÇAS E TROCAS

Os acontecimentos de nossas vidas não podem ser riscados. Não podemos voltar atrás. (Afirmção da filha do mercador, p. 62)

Histórias de fadas tradicionais terminam com o casamento dos protagonistas e as clássicas palavras: “E foram felizes para sempre”. No conto, porém, o casamento é apenas o início de novas aventuras e perigos. Depois que

se casam, tão semelhantes os jovens se tornam em seus disfarces, que enganam até os criados e os pais. Nas confidências que trocam sobre seus sonhos e lembranças, os jovens mercadores têm a sensação de já terem passado antes por morte e separação e pressentem que irão enfrentar perigos. Não sabem, no entanto, o que fazer para fugir desses perigos que parecem se aproximar.

A prova decisiva acontece quando se vêem envolvidos em intrigas na corte de um de seus clientes, um poderoso sultão: “Nunca se sabe qual é um e qual é outro, diziam as vozes. Dizem que são apenas um só, ora homem ora mulher, e um só permanecem mesmo quando estão juntos” (p. 67). Curioso para descobrir o que se esconde por trás dos rumores, o sultão exige que o mercador traga sua esposa à presença da corte. Mais uma vez, ao contrário do que acontece nos contos antigos, a solução não vem através de meios sobrenaturais, mas é encontrada pela astúcia da jovem mercadora. Ao relatar a atitude do marido de aconselhar-se com a esposa, a narradora dá realce à sabedoria feminina que, nos contos antigos, até estava presente, mas ficava apagada pela grandeza dos feitos masculinos: “Em casa contou tudo à mulher, tal como acontece em todas as histórias antigas de encantar, em que os homens desabafam e têm espertas mulheres, que logo desdobram planos para qualquer eventualidade” (p. 68).

A última esperteza tramada pela mercadora é enganar o sultão e toda a corte, num ato que se transforma no “elo final daquela união perfeitíssima”, em que os papéis podem ser trocados sem que ninguém de fora perceba qual é um e qual é outro, sem que nenhum deles se sinta perturbado e sem que a união e a beleza do casal sejam desfeitas: “... ela envolta em véus, só com o olhar pestanejando em redor, figurando a intimidade e a reserva, ele de capa de cetim e turbante, figurando o território externo e a conquista” (p. 69).

Na última parte do conto, os dois jovens transformam-se, agora numa condição de perfeita igualdade, num “casal de mercadores”. E em lugar do tradicional “E foram felizes para sempre”, a última frase retoma, modificada, a frase do começo da história: “Era uma vez uma mercadora e um mercador”. E termina com uma afirmação mais simples e mais realista, dizendo apenas: “... que viveram”. Assim a trama se faz e se refaz, os personagens trocam de posição e passam por metamorfoses, um novo olhar é lançado sobre antigas tradições.

A PALAVRA: FAZENDO E DESFAZENDO TRAMAS

Deus não nos criou para nos olhar. A imobilidade no escuro não é o nosso destino, talvez seja o dos ratos. (Palavras da jovem ao pai, p. 61)

No texto “Scherazade ou o poder da palavra”, Adélia Bezerra de Menezes (1995) afirma a respeito de duas mulheres famosas na literatura universal:

Scherazade, a astuciosa, é a mulher que tece narrativas intermináveis, e que nesse fio prende o seu homem, e vence seu poder. E nessa linha de astúcias, e de fios e de tramas, há toda uma tradição (é verdade que de outra cultura, mais uma vez, a grega) de mulheres fiandeiras. Penso sobretudo em Penélope, de quem já se disse que é tão astuciosa quanto seu marido, o astuto Ulisses... (p. 45)

Também no conto “A filha do mercador” temos um exemplo da astúcia de uma heroína. Vinda de uma terra que no passado viveu a glória com seus navegantes e mercadores, a jovem não tece mantos nem histórias, mas toma posse da palavra e, com astúcia, tece com ela seus argumentos, seus planos, suas sugestões. Levanta sua voz para dirigir-se em pé de igualdade à mãe, ao pai, ao marido. Questiona, refuta, propõe soluções. Num universo feminino condenado ao silêncio, sua fala é indicadora de poder. Além disso, não fica confinada no ambiente de seu palácio como as antigas heroínas, à espera da presença masculina, mas sai para a rua, para o mundo, vai experimentar a vida real.

Com a sua palavra, a jovem enfrenta e vence as provas que aparecem à sua frente, desafia os perigos e a morte, destece e tece de novo a sua história, prova que os papéis desempenhados na sociedade podem ser redefinidos ou são intercambiáveis. Assim, o título do conto – “A filha do mercador” – que de início remete a uma idéia de relato convencional, sobre uma personagem quase-objeto, propriedade de um homem poderoso, converte-se, depois da desconstrução que é feita no texto, em um primeiro sinal da leitura irônica com que o conto nos acena – e que se vai reafirmar ao longo da narrativa.

Verena Alberti (1999), ao tecer considerações sobre “O riso no pensamento do século XX”, afirma que “Leandro Konder, em agradável estudo sobre o barão de Itararé (1983), sublinha o papel do humor como desmistifica-

dor da ideologia dominante, e, por isso, emancipador, destacando ainda seu caráter libertário e sua capacidade de trazer o novo” (p. 31).

Talvez por essa razão, Maria Isabel Barreno, escritora do nosso tempo, volte aos contos de fadas para mostrar uma nova maneira de narrar. Ao lembrar então a antiga expressão “Quem conta um conto, aumenta um ponto”, podemos dizer que o narrador de hoje ainda mais trabalha: desmancha, altera, mistura, troca, remenda, recria, refaz. Pois não se contentando apenas com tecer, destece. Inventa novas possibilidades. Cria tramas e prepara surpresas. Ainda mais, usando as artimanhas do humor e da ironia, é capaz de apontar, disfarçados no mundo das histórias, hipocrisias e espaços de poder que teimam em permanecer no nosso mundo real. E mostra que é possível fazer, de uma quase brincadeira, um assunto muito sério...

ABSTRACT

In Maria Isabel Barreno's short-story "A filha do mercador", all the situations typical of fairy-tales can be found: a rich man who disappears at sea during a business trip, a beautiful young woman who stays at home with her mother waiting for her father's return, and an attractive pirate who releases him and expects a reward. However, in spite of all those coincidences, everything happens in a different way, showing that even fairy-tales can be changed.

Referências

- ALBERTI, Verena. O riso no pensamento do século XX. In: **O riso e o risível**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora/FGV, 1999. p. 11-37.
- BARRENO, Maria Isabel. A filha do mercador. In: **O círculo virtuoso**. Lisboa: Editorial Caminho, 1986. p. 45-70.
- BOOTH, Wayne. É isto irônico? **Cadernos do NAPq**, n. 22, Belo Horizonte, Cesp/Fale/UFGM, p. 11-42, dez. 1994.
- MENESES, Adélia Bezerra de. Scherazade ou do poder da palavra. In: **Do poder da palavra**; ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 39-56.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1996.
- WERNER, Marina. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.